



Lição 12

Tempos de decadência moral e maldade

20 de Setembro de 2026
3º TRIMESTRE 2026
JOVENS

Murilo Alencar



FERRAMENTA EBD

Esboço Da Lição 12

Do 3º Trimestre

De 2026

Por Murilo Alencar

DIREITOS AUTORAIS

Este subsídio está protegido por leis de direitos autorais. Todos os direitos sobre o subsídio são reservados. Você não tem permissão para alterar ou vender este subsídio. Nem tem permissão para copiar/reproduzir o conteúdo do subsídio em sites, blogs ou jornais. Qualquer tipo de violação dos direitos autorais estará sujeita a ações legais.

SOBRE O ABRA A JAULA

O **Abra a Jaula** é um projeto de pregação, evangelismo e ensino da palavra de Deus. O abrir a jaula pode ser comparado com a ordenança máxima dada a igreja por Jesus "Ide por todo mundo e pregai o evangelho a toda criatura". Spurgeon disse que o evangelho é como um leão faminto que está enjaulado, de modo que nosso papel não é salvar ninguém, mas abrir a jaula e deixar que o Leão saia e consuma os corações!

Nesse sentido, nos colocamos a disposição, principalmente de Deus, para promover um conteúdo bíblico e pentecostal.

No acervo de vídeos do Abra a Jaula, temos pregações curtas, reflexões bíblicas, pré-aula da Escola Dominical, dicas de pregação com O Pregador e a Pregação e o personagem da bíblia, além de vários projetos que ainda estão para serem colocados em prática, pois estamos em constante crescimento.

É um privilégio muito grande contribuir com seu ministério. Nós gostaríamos de te conhecer melhor e estar mais próximo de você. Faça parte da nossa família, é só clicar nos botões.



Site



Canal



Instagram



Facebook



Twitter



(87) 99808-9816

FIDELIDADE ÀS ESCRITURAS EM OPOSIÇÃO À APOSTASIA
Lições Espirituais no Livro de Juízes

Domingo, 20 de setembro de 2026

TEMPOS DE DECADÊNCIA MORAL E MALDADE

Murilo Alencar¹

INTRODUÇÃO

Nesta lição, estudaremos um dos episódios mais sombrios do livro de Juízes, no qual a história do levita, de sua concubina e dos homens de Gibeá expõe a profundidade da decadência moral e espiritual de Israel. A violência, a covardia e o desprezo pelos vulneráveis mostram até onde o pecado pode conduzir um povo que abandonou os mandamentos do Senhor e passou a viver segundo seus próprios ideais. Preparados? Vamos juntos aprender a Palavra de Deus.

TEXTO PRINCIPAL – COMPARANDO TRADUÇÕES

Todos os que viram isso disseram: “Nunca se viu nem se fez uma coisa dessas desde o dia em que os israelitas saíram do Egito. Pensem! Reflitam! Digam o que se deve fazer!” (Jz 19.30, NVI).

Todos que viram isso disseram: “Desde que os israelitas saíram do Egito, nunca se cometeu um crime tão horrível. Pensem bem! O que vamos fazer? Quem vai se pronunciar?” (Jz 19.30, NVT).

O versículo em análise contém três movimentos:

- Espanto: “Nunca se fez nem se viu coisa semelhante.”
- Memória histórica: “desde o dia em que os filhos de Israel saíram da terra do Egito”.
- Convocação: “Pensem nisso, considerem e falem.”

Portanto, o texto não está simplesmente descrevendo um crime. Está dizendo ao leitor: “Olhe para aquilo em que Israel se tornou.”

RESUMO DA LIÇÃO

Quando o povo se afasta de Deus e de seus princípios, a sociedade entra em decadência.

Na seção final do livro, formada pelos capítulos 17-21, o narrador mostra o agravamento da decadência de Israel. Os acontecimentos seguem uma progressão cada vez pior, na qual um pecado prepara o caminho para outro.

¹Graduado em teologia pela UniCesumar; Tecnólogo em coaching e desenvolvimento humano pela Unopar; pós-graduando em educação cristã e graduando em teologia pela Faculdade Batista do Cariri (FBC); Presbítero na Assembleia de Deus em Pernambuco. Além disso, idealizador do canal abra a jaula e da ferramenta ebd.

Em primeiro lugar, os capítulos 17-18 mostram a corrupção do culto; em seguida, o capítulo 19 expõe a corrupção moral e sexual; depois, o capítulo 20 conduz Israel a uma guerra civil; por fim, o capítulo 21 mostra novas atrocidades cometidas na tentativa de reparar as anteriores.

Essa sequência revela uma verdadeira espiral descendente. Uma escolha errada conduz a outra, a violência gera novas violências e até a tentativa de corrigir determinado pecado produz pecados ainda maiores.

Dentro dessa progressão, Juízes 19.30 funciona como uma transição importante. O capítulo termina convocando Israel a considerar cuidadosamente o que havia acontecido; no capítulo seguinte, o povo decide como reagir. A indignação era compreensível, mas a resposta acabaria conduzindo as tribos a uma guerra civil devastadora. **O escritor bíblico está nos mostrando o resultado assombroso do abandono da Aliança, dos mandamentos e do Senhor.**



1. O LEVITA E SUA CONCUBINA

Pergunta chave: Seja assinante e desbloqueie a pergunta chave apertando [aqui](#)

Ideia central do ponto: Seja assinante e desbloqueie a ideia central do ponto apertando [aqui](#)

1.1 Um relacionamento desajustado e frustrado.

Verdade central: Seja assinante e desbloqueie a verdade central apertando [aqui](#)

Para refletir: Seja assinante e desbloqueie o para refletir apertando [aqui](#)

A LIÇÃO DIZ: *O personagem é um levita anônimo, que peregrinava na região de Efraim, e tomou para si uma concubina (uma esposa secundária, com menos direitos) (Jz 19.1,2). O plano original de Deus sempre foi o casamento monogâmico (Gn 2.24; Ef 5.31-33), e a própria Bíblia mostra os males que o concubinato trouxe às famílias (Gn 16.4-6; 1Rs 11.3,4). Aqui não será diferente.*

¹Naqueles dias, em que não havia rei em Israel, houve um homem levita, que, peregrinando nos lados da região montanhosa de Efraim, tomou para si uma concubina de Belém de Judá. ²Porém ela se irritou com ele e, deixando-o, voltou para a casa de seu pai, em Belém de Judá, onde ficou durante uns quatro meses (Jz 19.1-2, NAA).

A declaração de que **“naqueles dias não havia rei em Israel”** faz parte da estrutura dos capítulos finais de Juízes e ocorre quatro vezes nessa seção: **duas** de forma completa (Jz 17.6; 21.25) e **duas** de forma abreviada (Jz 18.1; 19.1). Nas ocorrências completas, a ausência de rei aparece ligada ao fato de cada um fazer o que julgava certo aos próprios olhos. O problema retratado, portanto, ia além da falta de um governante humano: Israel havia deixado de se submeter à autoridade do Senhor e passou a definir o certo e o errado segundo seus próprios critérios.

No capítulo anterior, vimos a história de Jônatas, um levita que se corrompeu e vendeu sua consciência por dinheiro. Aqui, veremos a história de outro levita, que em um grau mais elevado de corrupção e maldade

comete uma insanidade, um pecado tão vil que ultrapassou todas as práticas abomináveis do povo de Israel desde sua libertação do Egito.

Os levitas eram descendentes de Levi e haviam sido separados para responsabilidades ligadas ao serviço do santuário e ao ensino da Lei ao povo (Nm 3.5-9; Dt 33.10). Embora o sacerdócio propriamente dito fosse exercido pelos descendentes de Arão, toda a tribo de Levi possuía deveres relacionados ao culto e à instrução espiritual de Israel. **Logo, isso torna a conduta desse homem ainda mais grave, porque ele pertencia justamente ao grupo que deveria conhecer a vontade de Deus e ajudar o povo a permanecer fiel a ela.** No entanto, sua vida mostra que a decadência moral e espiritual daquele período também havia alcançado aqueles que tinham a responsabilidade de ensinar e servir o povo.

A desordem na vida familiar do levita fica bem evidente quando o narrador informa que ele tomou para si uma concubina. No contexto bíblico, a concubina não era uma amante, mas uma mulher ligada a um homem por uma relação reconhecida como conjugal, embora ocupasse uma posição inferior à da esposa e não desfrutasse da mesma proteção social. **O próprio relato confirma que havia um vínculo matrimonial, pois chama o levita de marido, apresenta o pai da jovem como sogro e trata o levita como genro** (Jz 19.3-5). Portanto, mesmo que o texto não mencione a outra esposa, a palavra usada pelo narrador mostra que aquela mulher ocupava uma condição inferior dentro da relação conjugal.

O fato de o Antigo Testamento registrar casos de concubinato e poligamia não significa que Deus tenha apresentado essas práticas como seu padrão para o casamento. Em uma sociedade na qual elas já existiam, a Lei estabeleceu limites e garantias para proteger mulheres que poderiam ser prejudicadas por esse tipo de relação (Êx 21.7-11; Dt 21.15-17). **Isso, porém, não altera o propósito apresentado por Deus desde a criação, quando homem e mulher foram unidos para formar uma só carne (Gn 2.24).** Jesus retomou justamente esse texto ao ensinar sobre o casamento, mostrando que o padrão divino não deve ser definido pelos costumes de uma época, mas pelo propósito estabelecido por Deus (Mt 19.4-6).

As próprias famílias mencionadas nas Escrituras mostram os conflitos que surgiram quando esse padrão foi abandonado. A relação de **Abraão** com Agar trouxe rivalidade e sofrimento para dentro de sua casa; a família de **Jacó** foi marcada por disputas entre suas mulheres e também entre seus filhos; e as muitas mulheres de **Salomão** contribuíram para afastar seu coração do Senhor (Gn 16.4-6; 29.30-30.24; 1Rs 11.1-4). Esses relatos nos ensinam que uma prática não se torna correta apenas porque é comum ou aceita pela sociedade. Portanto, nossos relacionamentos também precisam ser avaliados e construídos segundo a Palavra de Deus, com fidelidade, responsabilidade, dignidade e amor.

1.2 A tentativa de reconciliação.

Verdade central: Seja assinante e desbloqueie a verdade central apertando [aqui](#)

Para refletir: Seja assinante e desbloqueie o para refletir apertando [aqui](#)

A LIÇÃO DIZ: *Passados quatro meses, o levita decidiu ir em busca de sua concubina, que estava na casa de seu pai, com o propósito de reconciliar-se e “tornar a trazê-la” (Jz 19.3). Foi recebido com alegria pelo sogro, que via nisso a remoção da desonra causada pelo adultério dela. Na viagem de retorno, o levita viaja até Gibeá, acreditando que teria mais segurança em uma cidade pertencente à tribo de Benjamim para hospedar-se. Estava errado.*

A razão que levou a mulher a deixar o levita precisa ser tratada com cuidado, porque existe uma diferença importante entre as tradições textuais. A **ARC** segue o texto hebraico massorético e afirma que ela “**adulterou contra ele**”, enquanto a **NAA** acompanha a leitura preservada na Septuaginta e traduz que “**ela se irritou com**

ele”. Como não é possível ignorar essa diferença, seria precipitado construir toda a interpretação do episódio sobre uma suposta infidelidade da mulher. O que o relato afirma de forma clara é que houve uma ruptura entre os dois: ela deixou o levita, voltou para a casa do pai e permaneceu ali durante cerca de quatro meses.

Depois desse longo período de separação, o levita decidiu procurá-la e tentar convencê-la a voltar. A expressão hebraica significa literalmente “falar ao coração”, uma forma de descrever palavras afetuosas e persuasivas dirigidas a alguém com a intenção de recuperar uma relação (Gn 50.21; Is 40.2; Os 2.14). Ele viajou acompanhado de um servo e levou dois jumentos, o que indica que se preparou para retornar com a mulher. Ao vê-lo, ela o conduziu para dentro da casa de seu pai, e o sogro recebeu o levita com alegria. Alguns intérpretes entendem que o retorno da filha ao marido retiraria uma possível vergonha da família, mas o narrador não explica por que o pai reagiu daquela maneira; por isso, não devemos transformar essa possibilidade em certeza.

A iniciativa do levita de procurar a mulher e “falar ao coração dela” sugere uma tentativa de restaurar o relacionamento, mas a continuação do capítulo mostra que suas palavras não foram acompanhadas pelo cuidado que ela precisava receber. O mesmo homem que foi até Belém para convencê-la a voltar, mais tarde a entregou aos homens de Gibeá para proteger a si mesmo. O contraste, eu diria, é escandaloso: ele soube usar palavras afetuosas para recuperar a relação com a mulher, mas falhou quando precisou demonstrar, por suas atitudes, responsabilidade amor e proteção.

Quando um relacionamento é ferido pelo pecado, a Bíblia não nos ensina a simplesmente retomar o convívio e agir como se tudo estivesse resolvido. Quem errou precisa reconhecer sua culpa, abandonar o pecado e demonstrar, por meio de suas atitudes, que houve arrependimento (Pv 28.13; Mt 3.8). Além disso, vale dizer que o perdão pode abrir caminho para a restauração, mas a confiança precisa ser reconstruída com verdade, tempo e mudança de conduta. Por isso, diante de uma relação quebrada, não devemos perguntar apenas como voltar, mas o que precisa mudar para que os mesmos pecados não continuem ferindo as pessoas que afirmamos amar.

1.3 Recebidos em Gibeá.

Verdade central: Seja assinante e desbloqueie a verdade central apertando [aqui](#)

Para refletir: Seja assinante e desbloqueie o para refletir apertando [aqui](#)

A LIÇÃO DIZ: *Ao chegarem à cidade, os viajantes inicialmente não encontraram hospedagem e foram obrigados a permanecer na praça (Jz 19.15). Um homem idoso, natural de Efraim, conhecido apenas como “o velho”, ofereceu-lhes acolhimento. Depois que o levita explicou sua situação, o anfitrião o conduziu à sua casa, convicto de que a praça representava perigo durante a noite. Contudo, essa aparente segurança é enganosa: a cordialidade e a hospitalidade iniciais logo serão abaladas, dando lugar a uma tempestade.*

Depois de cinco dias na casa do sogro, à tarde, **“o homem, com sua concubina [...] se levantaram para partir”** (19.9). Apesar dos apelos do pai da concubina, eles vão em direção a Jebus, uma cidade que deveria ser dos benjamitas, mas, porque não obedeceram a Deus completamente, continuava nas mãos dos cananeus (1.21). Eles chegam a Jebus no fim do dia, e o servo sugere que parem ali (19.11). Contudo, o levita não quer **“entrar em uma cidade estrangeira cujo povo não é israelita”** (v. 12). Apesar da “cananeização” de Israel, é óbvio que ele acha que, como israelitas, não estarão seguros em Jebus. O levita decide **“tentar chegar a Gibeá ou a Ramá”** (v. 13), lugares benjamitas e, portanto, seguros. Quando “o sol se pôs”, eles chegaram a **“Gibeá, no território de Benjamim”**, para passar a noite ali (v. 14,15).

Imediatamente, percebemos que nem tudo ia bem. Eles não encontram ninguém com quem falar ou que os receba em casa (v. 15). A total ausência do tipo de hospitalidade praticada pelo pai da concubina é flagrante. Apenas um velho efraimita, não benjamita, vai conversar com eles e, ao saber quem eram e para onde se dirigiam, convida-os a ir para sua casa (v. 16-21). O contraste apresentado pelo narrador bíblico é tão evidente que até

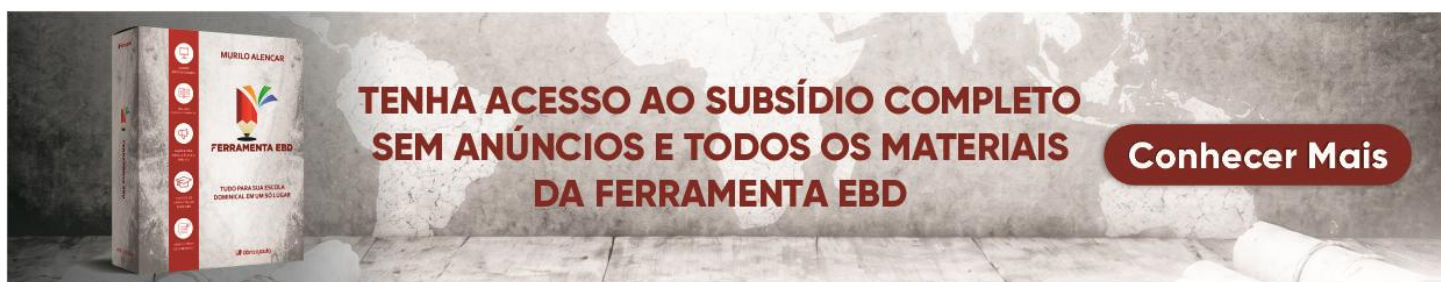
mesmo o leitor mais desatento consegue perceber. **Na casa do sogro, o levita encontrou uma hospitalidade tão insistente que teve dificuldade para partir; em Gibeá, encontrou tamanha indiferença que poderia ter passado a noite ao relento.**

O versículo 20 sugere que há algo pior nessa cidade do que a indiferença: *Façam o que quiserem*, ele está dizendo, *só não passem a noite na praça*. **Qual é o problema? Não estamos numa área isolada! Essa cidade não é cananeia! Estamos na terra que Deus entregou a Israel! Que perigo existe na praça? A resposta a essa pergunta vem logo em seguida e é assustadora.**

Eu lanço-a para você, caro professore e leitor, a seguinte pergunta: não estamos na igreja? Que perigo há?

Verifique o aprendizado de seu aluno (ponto 1):

Seja assinante e desbloqueie o verifique o aprendizado do seu aluno apertando [aqui](#)



2. DEPRAVAÇÃO E MALDADE EM GIBEÁ

Pergunta chave: Seja assinante e desbloqueie a pergunta chave apertando [aqui](#)

Ideia central do ponto: Desbloqueie a ideia central do ponto apertando [aqui](#)

2.1 Uma exigência depravada.

Verdade central: Seja assinante e desbloqueie a verdade central apertando [aqui](#)

Para refletir: Seja assinante e desbloqueie o para refletir apertando [aqui](#)

A LIÇÃO DIZ: *A alegria do velho e de seus convidados rapidamente se transforma em tensão. Enquanto comiam e bebiam, homens de Gibeá bateram à porta da casa, exigindo que o levita lhes fosse entregue. São descritos como “filhos de Belial” (Jz 19.22), termo que quer dizer homens inúteis, maldosos e sem valor (Dt 13.13). Esses depravados pretendiam abusar sexualmente do levita, cometendo o abominável pecado da sodomia, de modo semelhante ao ocorrido em Gênesis 19.1-11.*

O texto bíblico diz:

²¹Ele os levou para a sua casa e deu pasto aos jumentos. Depois de lavarem os pés, comeram e beberam.

²²Enquanto eles se alegravam, eis que os homens daquela cidade, homens malignos, cercaram a casa e começaram a bater na porta. E disseram ao velho, o dono da casa: — Traga para fora o homem que entrou em sua casa, para que abusemos dele (Jz 19.21-22, NAA).

A casa que havia recebido os viajantes tornou-se alvo de homens dispostos a violar a proteção concedida ao hóspede e a impor sua vontade pela força. A **NAA** os chama de “homens malignos”, enquanto a **ARC** preserva a expressão hebraica “filhos de Belial”.

No Antigo Testamento, “filhos de Belial” não significa descendentes de uma pessoa chamada Belial. Trata-se de uma expressão usada para caracterizar homens moralmente corrompidos, rebeldes e sem compromisso com aquilo que é bom. O termo hebraico transmite a ideia de inutilidade ou ausência de proveito. Em **Deuteronômio 13.13**, a mesma designação é aplicada aos homens que induziam uma cidade israelita à idolatria; em **1 Samuel 2.12**, descreve os filhos de Eli, que exerciam funções religiosas, mas não conheciam o Senhor. Posteriormente, “Belial” passou a ser empregado como uma designação de Satanás, colocado em oposição direta a Cristo (2Co 6.15).

A exigência para que o levita fosse trazido para fora a fim de que aqueles homens o “conhecessem” possui sentido sexual. Embora o verbo hebraico traduzido como conhecer possa descrever conhecimento comum, o contexto não permite essa interpretação. A **NAA** esclarece a intenção dos agressores ao traduzir: “para que abusemos dele”. Tratava-se de uma tentativa de violência sexual coletiva, destinada a humilhar, dominar e ferir a vítima. Portanto, a perversidade da cena envolve uma prática sexual condenada pela Lei, acompanhada de coerção, brutalidade e completo desprezo pela dignidade do próximo (Lv 18.22; 20.13).

O paralelo com Sodoma é evidente, já que nos dois relatos, visitantes são recebidos numa casa, homens da cidade cercam o lugar e exigem que os hóspedes sejam entregues para serem abusados (Gn 19.4,5). A diferença que agrava o episódio de Juízes é que Gibeá não era uma cidade pagã, mas uma cidade pertencente à tribo de Benjamim. **A perversidade anteriormente associada aos cananeus agora era praticada dentro de Israel. O povo que deveria viver de modo santo havia assimilado os pecados das nações que o Senhor condenara.**

A igreja de Corinto nos oferece um exemplo claro de que a convivência com as coisas de Deus não torna os crentes imunes à corrupção promovida pelo pecado. Diante da imoralidade tolerada naquela igreja, percebemos como Paulo foi enfático: ele não recomendou que os irmãos ignorassem o pecado, permanecessem em silêncio ou encobrissem o que estava acontecendo, mas que se entristecessem diante daquela situação e aplicassem a disciplina necessária (1Co 5.1-5). A graça de Deus é maravilhosa, mas ela acolhe o pecador arrependido, repito, arrependido; por isso, ser tolerante com o pecado não é uma virtude nem uma expressão de amor. Se amamos conforme as Escrituras, não podemos tratar o erro, o mal e o pecado como se fossem coisas sem importância. Precisamos ser bíblicos também quando a correção se torna necessária. Uma igreja sem disciplina, na qual cada um faz o que bem entende e o pecado é tolerado sem confronto, deixa de demonstrar fidelidade ao Senhor.

2.2 Uma alternativa degradante.

Verdade central: Seja assinante e desbloqueie a verdade central apertando [aqui](#)

Para refletir: Seja assinante e desbloqueie o para refletir apertando [aqui](#)

A LIÇÃO DIZ: *Em resposta, o homem idoso propõe uma alternativa igualmente degradante e covarde: sugere entregar sua própria filha virgem e a concubina do levita para que fossem violentadas (Jz 19.24). Embora os homens lascivos não tenham aceitado a proposta, o levita empurra sua concubina para fora, nas mãos dos gibeonitas, e ela é violentada durante toda a noite (Jz 19.25).*

A Bíblia diz:

²³O dono da casa saiu para falar com eles e disse: — Não, meus irmãos, não façam esta maldade. Já que o homem está em minha casa, não façam uma loucura dessas. ²⁴Vejam, aqui estão a minha filha virgem e a concubina dele. Vou pôr as duas para fora e vocês poderão abusar delas e fazer o que bem quiserem. Mas não façam uma loucura dessas com este homem! ²⁵Porém aqueles homens não o quiseram ouvir. Então o

levita pegou a sua concubina e a entregou a eles do lado de fora. E eles a forçaram e abusaram dela toda a noite até pela manhã; e, quando estava amanhecendo, eles a deixaram (Jz 19.23-25, NAA).

A reação do homem idoso revela quanto a consciência de Israel estava desfigurada, pois ele reconheceu como “loucura” a violência planejada contra o hóspede, mas ofereceu a própria filha e a concubina para sofrerem em seu lugar. O dever de proteger quem estava sob o seu teto era levado a sério no mundo antigo; todavia, nenhuma obrigação de hospitalidade lhe concedia o direito de sacrificar duas mulheres igualmente acolhidas em sua casa.

Robert Chisholm tem razão em dizer que aparentemente, o senso de hospitalidade desse homem se estendia primariamente a viajantes do sexo masculino.

O Timothy Keller assevera que:

Para proteger seu visitante, o homem velho entrega duas mulheres para serem estupradas. Por quê? Por que não ofereceu o servo do levita (afinal, o bando queria um homem)? Porque, para o efraimita, assim como para o levita e o pai da concubina, as mulheres eram propriedades — menos valiosas e mais descartáveis do que um homem. Esse era o conceito que as culturas ao redor faziam das mulheres (embora, tragicamente, a concubina estivesse *mais* segura em Jebus, a cidade dos cananeus); e esse foi o conceito que os homens de Israel assimilaram, em vez de seguir o princípio da criação de Deus — de que homem e mulher foram *ambos* criados à sua imagem, ambos da mesma forma e intrinsecamente valiosos.

O modo como o anfitrião formulou sua proposta expõe a desordem moral daquele período. A expressão traduzida como “façam com elas o que bem quiserem” significa, literalmente, “façam com elas o que for bom aos olhos de vocês”. Suas palavras retomam o tema que atravessa os últimos capítulos do livro: cada pessoa determinava por conta própria o que considerava certo.

A recusa da multidão em aceitar a proposta do anfitrião não despertou no levita coragem nem compaixão. Pelo contrário, em vez de proteger sua concubina, ele a tomou e a entregou aos homens que cercavam a casa. O relato não menciona qualquer tentativa de defendê-la, de oferecer-se em seu lugar ou de buscar socorro no Senhor. Desta forma, aquele que havia viajado até Belém para falar ao coração dela agora a entregava para preservar a própria vida.

Embora a responsabilidade direta pela violência pertença aos homens de Gibeá, o levita e o anfitrião também falharam gravemente, pois abandonaram justamente quem deveriam proteger. Há um contraste entre esse episódio e o Evangelho, pois enquanto o levita entregou sua companheira para salvar a si mesmo, Cristo entregou a si mesmo para salvar sua Igreja (Ef 5.25).

2.3 Uma sucessão de maldade.

Verdade central: Seja assinante e desbloqueie a verdade central apertando [aqui](#)

Para refletir: Seja assinante e desbloqueie o para refletir apertando [aqui](#)

A LIÇÃO DIZ: *A cena continua, e a tenebrosa maldade se intensifica (Jz 19.26-29). Na manhã seguinte, a mulher “caiu à porta da casa” (v.26). Em total desumanidade e falta de compaixão, o levita simplesmente ordenou que ela se levantasse; ao não receber resposta, por já estar morta ou em estado terminal, colocou-a sob o seu animal e partiu para sua casa. Ao chegar, pegou um cutelo e cortou o corpo da mulher em doze partes, enviando-as aos territórios de Israel (v.29).*

Vamos ao texto bíblico:

²⁶Ao amanhecer, a mulher veio e caiu à porta da casa do homem, onde o seu senhor estava hospedado. E ela ficou ali até o clarear do dia. ²⁷De manhã, quando o seu senhor se levantou e abriu as portas da casa, para continuar a viagem, eis que a mulher, sua concubina, jazia à porta da casa, com as mãos sobre a soleira. ²⁸Ele lhe disse: — Levante-se, e vamos embora! Porém não houve resposta. Então o homem a pôs sobre o jumento

e foi para a sua casa. ²⁹Chegando a casa, pegou uma faca e cortou o corpo da concubina em doze pedaços. E enviou os pedaços para todas as regiões da terra de Israel (Jz 19.26-29, NAA).

A postura da concubina revela que ela estava desesperada, procurando refúgio quando caiu e indica que ela estava fraca demais para abrir a porta ou até mesmo bater à porta.

A maneira como o levita reagiu revela uma frieza assustadora, pois ele abriu a porta preparado para continuar a viagem e, ao encontrá-la caída, limitou-se a ordenar: “Levante-se, e vamos embora!” (Jz 19.28). Não há qualquer palavra de consolo, pedido de socorro ou manifestação de tristeza. Diante da ausência de resposta, colocou-a sobre o jumento e seguiu para casa.

Mais tarde, como diz Robert Chisholm, o narrador se refere a ela como “a mulher assassinada” (20:4), mas somos obrigados a perguntar: “Assassinada por quem?”. O levita atribuiu sua morte à violência que ela sofreu, mas podemos confiar em sua versão daquilo que aconteceu?

Durante o caminho de volta, o levita teve tempo para pensar no que havia acontecido em Gibeá e em como reagiria. Ao chegar em casa, porém, tomou uma decisão igualmente perturbadora: pegou uma faca, cortou o corpo de sua concubina em doze partes e enviou uma delas para cada região de Israel. O narrador não interrompe o relato para explicar o significado do gesto, mas o número doze indica que o levita ainda enxergava Israel como um povo formado por doze tribos e pretendia fazer com que toda a nação tomasse conhecimento da atrocidade cometida em Gibeá.

Ao mesmo tempo, a maneira como ele tratou a mulher mostra que a desumanização não terminou com sua morte. Durante a noite, ela havia sido entregue aos homens da cidade para proteger outros; agora, seu corpo era novamente utilizado, desta vez para provocar uma reação nacional. O gesto colocava diante das tribos uma prova terrível daquilo que Israel havia se tornado. O levita recusara passar a noite numa cidade cananeia porque preferia ficar entre seu próprio povo, mas descobriu em Gibeá a mesma perversidade que esperava encontrar fora de Israel.

Além de denunciar o crime, o envio das partes do corpo funcionava como uma convocação para uma resposta coletiva. Há paralelos antigos e bíblicos em que atos semelhantes serviam para mobilizar grupos diante de uma ameaça ou ofensa grave. Por isso, o que o levita fez não pretendia apenas causar indignação; ele queria que as tribos reagissem ao acontecido.

A indignação provocada pelo crime de Gibeá era legítima, mas o levita não poderia apresentar-se como se fosse inocente em toda aquela tragédia. Quando relatou o ocorrido aos israelitas, destacou a violência dos homens da cidade, porém omitiu que ele próprio havia entregado a mulher aos agressores (Jz 20.4-6).

Verifique o aprendizado de seu aluno (ponto 2):

Seja assinante e desbloqueie o verifique o aprendizado do seu aluno apertando [aqui](#)



ESTEJA PREPARADO PARA O 3º TRIMESTRE DE 2026 E SEJA UM PROFESSOR EXTRAORDINÁRIO

Conhecer Mais

3. ENFRENTANDO UMA CULTURA DEPRAVADA E PERVERSA

Pergunta chave: Seja assinante e desbloqueie a pergunta chave apertando [aqui](#)

Ideia central do ponto: Seja assinante e desbloqueie a ideia central do ponto apertando [aqui](#)

3.1 A generalização do mal.

Verdade central: Seja assinante e desbloqueie a verdade central apertando [aqui](#)

Para refletir: Seja assinante e desbloqueie o para refletir apertando [aqui](#)

A LIÇÃO DIZ: *Pela sua brutalidade, o episódio de Gibeá ficou registrado como uma das páginas mais sombrias da história de Israel (Jz 19.30), servindo de lembrança permanente da maldade generalizada que pode brotar em meio ao povo de Deus. Séculos depois, os profetas ainda apontavam Gibeá como símbolo de corrupção e degradação moral (Os 9.9; 10.9).*

Nas palavras de Robert Chisholm:

O anonimato [dos personagens deste relato – *acréscimo meu*] passa a impressão implícita de que cada indivíduo em Israel era perigoso porque cada indivíduo fazia o que era certo aos seus próprios olhos. Diante do anonimato da concubina, o leitor passa a ter a impressão de que “cada” concubina de Dã a Berseba podia ser estuprada, assassinada e esquartejada, pois Israel era um mundo de alienação e aniquilação, habitado pelo “abusador poderoso e pela vítima impotente”. Assim, o anonimato equivale à perda de identidade e de personalidade. O anonimato da mulher é um símbolo de seu silêncio, da passividade progressiva atribuída a ela e do destino trágico em que a história culmina

Certamente, o propósito do narrador ao fazer essa opção foi destacar a deterioração familiar, tribal e nacional. Assim, o anonimato dos personagens os universaliza.

Séculos depois dos acontecimentos narrados em Juízes 19-21, o profeta Oseias ainda mencionava Gibeá como símbolo da profunda corrupção de Israel. Em Oseias 9.9, na NAA, lemos: **“Eles se afundaram na corrupção, como nos dias de Gibeá. O Senhor se lembrará das suas injustiças e castigará os pecados que eles cometeram.”** Essa comparação mostra que a perversidade de Gibeá havia se tornado uma referência histórica para descrever até onde o povo de Deus podia chegar quando abandonava sua aliança. Oseias olhava para a sociedade de seu próprio tempo e afirmava que Israel havia voltado a um nível de corrupção semelhante ao daquela geração.

A mesma lembrança reaparece no capítulo seguinte, quando o Senhor declara: **“Desde os dias de Gibeá, você pecou, ó Israel, e nesse pecado você permaneceu”** (Os 10.9, NAA). A ênfase não está em afirmar que todo pecado de Israel começou literalmente em Gibeá, mas em mostrar sua continuidade. O episódio havia sido julgado, milhares morreram na guerra e a tribo de Benjamim quase foi destruída, mas o pecado que levou Israel aquele desastre não havia sido arrancado do coração do povo. A geração de Oseias continuava marcada por rebelião, injustiça e idolatria, razão pela qual também enfrentaria o juízo de Deus.

3.2 Aplicações para os dias atuais.

Verdade central: Seja assinante e desbloqueie a verdade central apertando [aqui](#)

Para refletir: Seja assinante e desbloqueie o para refletir apertando [aqui](#)

A LIÇÃO DIZ: *Biblicamente, somos advertidos e chamados a resistir e confrontar a cultura perversa que se levanta contra os padrões divinos: Depravação moral e sexual; Desvalorização da mulher e os abusos; Defesa da masculinidade bíblica; Desumanização.*

Confrontar uma cultura corrompida de maneira bíblica não significa tratar o pecador como inimigo, gritar, humilhar ou usar a verdade como arma para ferir pessoas. O cristão deve rejeitar aquilo que Deus condena, mas precisa fazê-lo com respeito e compaixão, mostrando pela Escritura onde está o erro e apontando o caminho do arrependimento. A verdade não pode ser abandonada em nome do amor, nem o amor pode ser esquecido em nome da verdade (Ef 4.15; 2Tm 2.24-26).

Esse cuidado precisa ser evidente na forma como falamos sobre santidade e sexualidade. O padrão bíblico reserva a intimidade sexual para o casamento entre um homem e uma mulher, todo cristão, nesta área específica deve exercer o domínio próprio (Gn 2.24; Mt 19.4-6; Hb 13.4). **Por isso, não há coerência em condenar certos pecados enquanto se toleram pornografia, adultério, relações sexuais fora do casamento ou outras formas de impureza.** Paulo manda os próprios crentes fugirem da imoralidade e, ao mesmo tempo, lembra que a graça de Cristo pode perdoar e transformar quem se arrepende (1Co 6.11,18-20).

A maneira como tratamos as mulheres também precisa corresponder ao a fé que professamos. A masculinidade bíblica não se expressa por controle, intimidação ou violência, mas por amor sacrificial, amor providencial e amor abnegado. A Bíblia proíbe o marido de tratar a esposa com aspereza e exige que ela seja honrada (Cl 3.19; 1Pe 3.7). Quando houver abuso ou violência, textos sobre submissão, perdão ou autoridade nunca devem ser usados para silenciar a vítima ou proteger o agressor. **A Igreja deve acolher quem sofreu, ajudar a garantir sua segurança, confrontar quem praticou o mal e, havendo crime, comunicar o caso aos órgãos competentes (Rm 13.1-4).**

A desumanização vai além da violência física e também se manifesta quando alguém é reduzido a um corpo, transformado em piada, exposto sem consentimento ou humilhado nas redes sociais. Por isso, jovens cristãos precisam rejeitar o compartilhamento de conteúdos íntimos, o assédio, as brincadeiras sexualizadas e as ofensas praticadas na internet. Se queremos viver como luz, o respeito pelo próximo deve se manifestar nas conversas privadas, nos relacionamentos e na maneira como usamos as redes sociais (Tg 3.9,10).).

Verifique o aprendizado de seu aluno (ponto 3):

Seja assinante e desbloqueie o verifique o aprendizado do seu aluno apertando [aqui](#)



CONCLUSÃO

Como devemos reagir aos acontecimentos registrados em Juízes 19? Lamentar profundamente. Esse é o povo de Deus. São nossos antepassados espirituais e, até certo ponto, revelam quem nós somos. Talvez guardemos na alma segredos que, de alguma forma (talvez mínima), lembrem o comportamento dos gibeonitas. É possível que não tenhamos cometido atrocidades, mas (como o levita) não as impedimos de acontecer, e nossa inércia favoreceu o erro. Contamos a nós e aos outros uma história bem mais aceitável sobre nós mesmos e nosso comportamento do que a verdade toda revelaria. E, como o livro de Juízes tem nos alertado repetidamente, todos

nós, conscientemente ou não, nos deixamos moldar e escravizar pela cultura em que vivemos, e não pelo Senhor Jesus, cujo nome invocamos, exatamente como Israel fazia.

O texto de Juízes 19 deve nos sensibilizar e nos fazer lamentar — pelos israelitas e por nós mesmos. “Não há nenhum justo” porque vivemos como se não houvesse “rei” (19.1; 21.25). Precisamos de um Rei que nos resgate, guie e transforme. Só podemos apreciar o evangelho — pelo qual, em Jesus, temos esse Rei — se primeiro entendermos que somos mais depravados e sem esperança do que jamais imaginamos.

ABRA A JAULA

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- BLOCK, Daniel I. **Juízes e Rute**: comentário exegético. Tradução: Arthur Wesley Dück. São Paulo: Vida Nova, 2024.
- LOPES, Hernandes Dias. **Juízes**: pecado e graça. São Paulo: Hagnos, 2024. (Comentários Expositivos Hagnos).
- KELLER, Timothy. **Juízes para você**. Tradução: Eulália Pacheco Kregness. São Paulo: Vida Nova, 2016.
- WALTON, John H.; MATTHEWS, Victor H.; CHAVALAS, Mark W. **Comentário histórico-cultural da Bíblia**: Antigo Testamento. Tradução: Noemi Valéria Altoé da Silva. São Paulo: Vida Nova, 2018.
- MERRILL, Eugene H.; ROOKER, Mark F.; GRISANTI, Michael A. **Introdução ao Antigo Testamento** [livro eletrônico]: o mundo e a palavra. Prefácio: Edwin Yamauchi. Tradução: A. G. Mendes. São Paulo: Vida Nova, 2025.
- BODA, Mark J. Judges. In: LONGMAN III, Tremper; GARLAND, David E. (Ed.). **The expositor's Bible commentary**. Rev. ed. Grand Rapids: Zondervan, 2012.
- YOUNGER JR., K. Lawson. **Judges, Ruth**. Grand Rapids: Zondervan, 2002. (The NIV Application Commentary).